



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

É “ PARA MENINO OU PARA MENINA”? UMA ANÁLISE SOBRE O USO DO LÚDICO E AS QUESTÕES DE GÊNERO NA CRECHE AMBROZINA PAULINA DOS SANTOS EM SÃO BENTO - PB

Alcina Simplício dos Santos

Prefeitura Municipal de São Bento – PB / alcinasimplicio@hotmail.com

Resumo: A creche deve ser percebida como um espaço de construção onde as crianças possam ter oportunidade de compreender o mundo que os cerca e encontrar além de proteção, o apoio necessário para sua formação enquanto sujeitos sociais. Dessa forma, se faz necessário o desenvolvimento de práticas pedagógicas livres de padronizações e preconceitos, ofertando aos sujeitos múltiplas possibilidades de expressão. Dentro dessa perspectiva, discutir sobre gênero se faz uma tarefa primordial para a construção do respeito à diversidade já na educação infantil uma vez que as formalizações de masculino e feminino são construções sociais e como tal podem ser trabalhadas com o intuito de desconstruir estereótipos e desenvolver culturas de aceitação e respeito. Nesse sentido, o uso do lúdico se torna aspecto valioso para a compreensão dos papéis sociais na medida em que podem servir como instrumento de conscientização ou de reforço ao binarismo de gênero dependendo da postura didática adotada. Partindo desse entendimento, o presente estudo tem como objetivo perceber como o uso do lúdico formaliza a discussão de gênero na creche municipal Ambrozina Paulina dos Santos localizada na cidade de São Bento – PB. É um estudo que pretende investigar se a prática pedagógica desenvolvida nesta instituição faz uso dos brinquedos como instrumento de formação para a diversidade dos alunos ou se sacraliza as práticas estereotipadas em que meninos e meninas têm espaços rigidamente demarcados.

PALAVRAS CHAVES: Lúdico, Creche, Gênero, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O espaço escolar deve ser percebido como um lugar de formação onde todos os indivíduos possam ter acesso, além do saber historicamente construído, aos mais variados mecanismos de inclusão social e de debate em torno das questões que pautam novas perspectivas sociais, sendo as questões de gênero um dos assuntos de mais relevância na atualidade por inaugurar uma possibilidade de debate em torno da igualdade entre os sujeitos.

Nesse sentido, torna-se importante refletir acerca de como a ação docente tem arrematado formas de lidar com essa discussão, estabelecendo um tratamento igualitário no que diz respeito ao fim das demarcações entre feminino e masculino, aceitando o diálogo e o respeito como estratégia de desconstrução do binarismo de gênero.

Considerando esses aspectos, o presente estudo reconhece a educação infantil como um valioso lugar de debate sobre essa questão por ser um ambiente onde os sujeitos têm o primeiro contato com o saber institucionalizado, realidade que deve favorecer a amplificação de uma prática



formadora em que pese a utilização de meios necessários a uma aprendizagem livre de padronizações e estereótipos.

Dessa forma, acredita-se que o brinquedo não deve assumir um determinante de gênero estabelecendo o que é ser feminino ou masculino muito menos condicionado ao reforço de estereótipos em que as preferências lúdicas se traduzem em condicionantes de sexualidade, por muitas vezes reforçados pela convivência e a postura dos docentes.

Partindo desse entendimento, este artigo analisa como se dá o uso do lúdico na perspectiva de representações de gênero através da atuação didática dos professores da Creche Municipal Ambrozina Paulina dos Santos localizada na cidade de São Bento – PB. É um trabalho que se faz necessário uma vez que as questões pertinentes ao entendimento sobre gênero e diversidade ainda são muito pouco discutidas na educação infantil, fator que termina por gerar grandes prejuízos ao debate acerca da igualdade de sexo e costumeiramente, reforça um binarismo sacramentado na imposição de usos de brinquedos como referenciais da sexualidade tolhendo escolhas e consolidando representações sociais ultrapassadas onde aos meninos são brinquedos que se relacionam à força e à virilidade e às meninas, objetos atrelados ao ambiente doméstico e à submissão.

A pesquisa foi realizada entre o mês de fevereiro e março de 2016 e como metodologia teve a entrevista semiestruturada e a observação *in loco* da atuação de três docentes ambas responsáveis pela classe de 1, 2 e 3 anos respectivamente. Além desses sujeitos, também foram entrevistadas a diretora e a supervisora da instituição.

O estudo forneceu subsídios para uma reflexão sobre o trabalho realizado na educação infantil situando os discursos colhidos no contexto das perspectivas de discussão e desmistificação do espaço que as questões de gênero devem ocupar no cotidiano escolar como forma de inaugurar novas práticas pedagógicas, analisando nas falas das entrevistas principalmente o entendimento docente acerca da representação de gênero e como essa representação se relaciona com o uso do lúdico e da ação didática desenvolvida na instituição.

A QUESTÃO DE GÊNERO

O conceito de gênero é uma construção social inserida na vivência dos sujeitos de maneira quase sempre sutil indicando o que é ser homem e o que é ser mulher na sociedade. Este aspecto termina por se constituir em determinante de várias posturas e entendimentos os quais culminam



com a sacralização de comportamentos e posturas sociais formalizando um padrão cultural que classifica e exclui sujeitos e dificulta o diálogo e a convivência com a diferença.

Scott (1995) diz que gênero é a organização social da diferença sexual. É um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças e que indica meios para o significado e a compreensão das diversas conexões e interações humanas. Por essa razão, cada cultura estabelece e elege o que se direciona a homens e a mulheres.

Dentro dessa perspectiva, é preciso utilizar a categoria de análise de gênero para além dessa dualidade, conhecendo mais sobre as diferenças sexuais e procurando amenizar desigualdades que possam acarretar em situações de atrito.

Para Bíscaro (2009) o debate da diferença entre homens e mulheres não se fixa na questão biológica, mas sim na questão, cultural e é uma realidade que necessita ser discutida porque já não dá conta das múltiplas significações que envolvem as questões de gênero, se constituindo em uma pluralidade de pertencimentos que não pode passar despercebida pelos espaços sociais.

Perceber, discutir e evidenciar essas questões tem sido um importante passo para a construção da convivência em diversidade, entendendo que é preciso amplificar ações que problematizem as construções sociais e os estereótipos historicamente instituídos através do binarismo de gênero.

Para Meyer (2005, p. 17)

“O conceito de gênero enfatiza a pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, tornasse necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras “marcas” sociais, tais como classe, raça, etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. É necessário admitir também que cada uma dessas articulações produz modificações importantes nas formas pelas quais as feminilidades ou as masculinidades são, ou podem, ser, vividas e experimentadas por grupos diversos, dentro dos mesmos grupos ou ainda, pelos mesmos indivíduos, em diferentes momentos de sua vida” (MEYER, 2005, p. 17).

Dentro dessa perspectiva, é possível que o contexto de gênero necessite passar constantemente por um debate que oportunize estruturar as maneiras de uso e percepção das mudanças em torno do masculino e do feminino, fundamentando a possibilidade de outros espaços de interação, vendo na diversidade, o afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis, funções e comportamentos de mulher e de homem, para que assim seja possível ocorrer uma aproximação das abordagens mais amplas em que a ressignificação dos espaços, dos objetos e dos costumes possa contribuir para o diálogo em torno da formação social dos sujeitos.



Nesse sentido, o espaço escolar assume um importante lugar na desconstrução desses ideais determinantes ao se constituir em um cenário onde múltiplas vozes estão presentes e se entrecruzam, construindo as bases necessárias ao debate e a revisão de práticas e posturas.

Louro (2002, p. 125) pontua que “a passagem pelos bancos escolares deixa marcas. Permite que se estabeleçam ou se reforcem as distinções entre os sujeitos. ali se adquire todo um jeito de ser e de estar no mundo”. Esta percepção reforça a importância que a discussão acerca das questões de gênero ocupa já na educação infantil uma vez que é na infância onde os sujeitos iniciam o processo de fortalecimento identitário, necessitando vivenciar práticas que valorizem a convivência para o respeito à diversidade, fator que tem exigido dos docentes, a ressignificação de suas práticas e das estratégias de aprendizagem, procurando desfazer estereótipos e preconceitos através da ação pedagógica comprometida com as mudanças sociais.

Sobre esse aspecto, Redin et al (2007, p. 17) colocam que:

“A escola pode e deve ser considerada um espaço privilegiado para aprendizagem de uma prática social, um espaço de cultura, de criação como resposta aos desafios da vida; um espaço fértil de produção do novo e do inusitado. A escola para a infância precisará constituir-se nesse tempo e espaço transformando em lugar, ou seja, um lócus de sentido, de construção de identidades. O cotidiano na escola de educação infantil será significativo para as crianças, se for um espaço de trocas, de intercâmbios, de valorização de diferenças” (REDIN, 2007, p. 17).

É uma realidade que descortina a necessidade de se repensar metodologias capazes de desconstruir a tônica sexista que costumeiramente envolve o uso do lúdico na educação infantil. Os brinquedos e as brincadeiras são importantes espaços para a construção/desconstrução de gênero, dependendo do posicionamento adotado pelo professor. Para KISHIMOTO e ONO (2008) nos processos de socialização e formação de identidade das crianças, constroem-se e determinam-se práticas de escolha de brinquedos e de brincadeiras por gênero e por sexo, criando-se assim os estereótipos.

Esse contexto deve ser problematizado pelo professor da educação infantil, tendo como principal entendimento, a possibilidade de amplificação dos conceitos em torno da identificação de gênero, retirando da ludicidade o binarismo homem/mulher e construindo um percurso social formativo capaz de desenvolver nas meninas e nos meninos, um sentimento de aceitação e entendimento acerca das mais variadas significações de gênero.

Posturas pedagógicas preconceituosas são uma realidade frequente nas escolas, sobretudo no que diz respeito ao uso de brinquedos na educação infantil. A classificação “de menino” e “de menina” traz marcas perceptíveis da falta de conhecimento em torno das questões de gênero, favorecendo a manutenção de conceitos prejudiciais ao desenvolvimento de uma educação diversa.



O reconhecimento dos diversos recortes dentro da ampla temática da diversidade cultural e de gênero traz para a realidade educacional um grande desafio no que diz respeito à formulação de práticas pedagógicas capazes de dar conta das questões de gênero, tendo no espaço do lúdico, a possibilidade de criação de novas interações sociais onde seja incentivado o diálogo como forma de construção do respeito mútuo.

Sobre essa questão, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2008, p. 41) colocam que:

“No que concerne a identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor, para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher, como, por exemplo, que à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que mulher não briga”. (BRASIL, 2008, P. 41)

De fato, o trabalho com a identidade de gênero representa um importante espaço para a integração da criança com o ambiente escolar, favorecendo a desconstrução dos estereótipos e estimulando a visibilidade das formas alternativas de perceber a questão de gênero no contexto da educação infantil.

Para Dinis (2008) discutir novas políticas de inclusão das questões de gênero, exige das/dos educadoras/es uma experimentação do uso de novas linguagens que possam ter outras conotações sociais, fator que exige da ação docente praticada na educação infantil, a reflexão em torno das posturas a serem desenvolvidas no trabalho com o lúdico dentro de uma perspectiva de valorização das individualidades externadas pelas crianças.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O percurso metodológico utilizado teve um caráter qualitativo baseado em trabalho de campo no qual foram utilizados como instrumentos de investigação: observações *in loco* entrevistas além da reflexão sobre textos teóricos que problematizam a temática das representações de gênero e do uso do lúdico como estratégia de aprendizagem.

A pesquisa foi desenvolvida na creche municipal Ambrozina Paulina Dos Santos, localizada na zona rural do município de São Bento – PB. É uma instituição que atende 84 crianças com faixa etária de 18 meses a 3 anos de idade e em horário integral. Tem um corpo docente formado por três professoras cada uma com duas auxiliares.

Utilizou-se uma amostra por conveniência e não probabilística, baseada no critério da acessibilidade e nesse sentido, fizeram parte da pesquisa apenas as professoras, a diretora e a supervisora, totalizando cinco entrevistadas.



Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista com perguntas semiestruturadas, as quais discorriam sobre questões de gênero, prática docente e uso da ludicidade a fim de dar suporte à análise qualitativa.

Também foram feitas observações no decorrer da rotina da instituição o que permitiu traçar uma ideia do trabalho desenvolvido na instituição bem como perceber como é a postura didática das docentes em relação à temática aqui discutida.

Os dados foram analisados através dos discursos produzidos pelos sujeitos à luz das literaturas pertinentes ao tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho na educação infantil requer da ação docente posturas que possibilitem às crianças desenvolverem sua identidade, por esse motivo não pode ser um ensino permeado por preconceitos e estereótipos.

A educação infantil é parte integrante e importante do processo de construções de concepções educacionais, posturas, condutas e formas de comportamentos diferenciadas pelo sexo. É nesse cenário onde as crianças encontram e constroem suas experiências de vida. Portanto, é na interação com outras pessoas que as elas aprendem a compartilhar e a viver em um contexto educativo e coletivo, relacionando-se e comunicando-se com o mundo a sua volta. Desse modo, é na potencialidade desse convívio e de diversas formas de relações que se pode propiciar novas relações e interações a partir do ambiente escolarizado.

No desenvolvimento da pesquisa, algumas questões discutidas com as docentes favoreceram uma constatação contrária a esse entendimento, pois quando perguntadas acerca das situações em que meninos e meninas utilizavam brinquedos percebidos como típicos de determinados gêneros respostas como: “é inapropriado menino brincar com boneca”, “carrinho e moto são coisas de menino” ou “menina tem que brincar com boneca e panelinhas” demonstraram que ainda é possível perceber no discurso dessas docentes uma desinformação a respeito do uso do brinquedo enquanto ferramenta de desconstrução de práticas sociais instituídas e prejudiciais às questões de gênero.

De acordo com Fagundes (2005) gênero e sexualidade representam as dimensões da vida que são construídas socialmente, sendo que as relações que envolvem as discussões de gênero referem-se à elaboração cultural das identidades femininas e masculinas, do ser homem e do ser mulher, observando-se que a sexualidade é uma expressão da personalidade.

Nesse sentido, a postura das entrevistadas demonstrou um distanciamento ao que se refere à percepção do espaço da sala de aula enquanto um lugar de formação, pois o uso dos brinquedos



como suporte para a identificação estereotipada dos gêneros reforça o preconceito e dificulta a aceitação da diversidade.

Outra questão a ser evidenciada foi a imposição do modelo heterossexual atrelado à subserviência feminina. Ao ser questionada acerca da compra de brinquedos, que critérios eram utilizados, a diretora afirmou que sempre comprava bonecas e panelinhas para meninas e carros, motos e bolas para meninos.

Essa demarcação obscurece e dificulta a discussão em torno das questões de gênero na medida em que “fecha” um círculo ideológico sem deixar espaço para outras perspectivas de diálogo entre as crianças, colocando na invisibilidade, sobretudo, os sujeitos que não se identificam com essas referências.

Dentro dessa realidade, foi possível perceber que o espaço observado reforça habilidades distintas para meninos e meninas, depositando nestes as expectativas e as posturas quanto ao tipo de desempenho intelectual e comportamento considerado pelas convenções sociais mais adequadas para cada sexo.

Os discursos das entrevistadas demonstraram claramente um desconhecimento em torno das questões de gênero ao mesmo tempo em que levaram ao entendimento de que se faz necessário construir novas possibilidades de diálogo e formação docente a fim de que as práticas educativas possam contemplar iniciativas que tenham na equidade de gênero, na abolição de práticas sexistas e no respeito à diversidade, uma meta a cumprir.

A supervisão também demonstrou desentendimento em relação ao debate em torno das questões de gênero. Quando perguntada se havia algum projeto sobre a temática, a mesma respondeu que não e que não percebia a necessidade de discutir esses “assuntos” na educação infantil. Essa realidade caracteriza uma desconexão com as tendências contemporâneas da educação, as quais apontam para a escola como um espaço destinado a dar oportunidades iguais a todos, se constituindo em um ambiente no qual se recebe uma pluralidade de culturas e valores de uma mesma sociedade aprendendo a respeitar as diferenças e enfatizar os princípios da solidariedade.

Sobre esse aspecto, Gadotti (2000, p. 7) coloca que:

“Seja qual for a perspectiva que a educação contemporânea tomar, uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social” (GADOTTI, 2000, p. 07)



Dessa forma, as percepções expostas na realidade em questão demonstram que há uma grande demanda no que diz respeito ao entendimento sobre o que são as discussões de gênero, bem como o que deve ser trabalhado na educação infantil juntamente com o uso do lúdico. As profissionais ainda associam gênero à sexualidade e têm um pensamento tradicional acerca dos lugares que essas discussões devem ter na sociedade.

É uma questão que enseja de todo o corpo docente, iniciativas de reflexão, pois torna-se inconcebível aceitar que diante de todas as discussões contemporâneas em torno das temáticas de gênero ainda se conservem práticas sexistas nos espaços educacionais.

Nesse sentido, percebeu-se que falta por parte da supervisão e da gestão, um direcionamento em torno da ressignificação do espaço escolar enquanto lugar diverso e como consequência, as docentes continuam reforçando estereótipos e se distanciando das discussões que permeiam a prática docente na atualidade, contribuindo assim para a manutenção das práticas sexistas e do reforço aos estereótipos, invisibilizando as questões de gênero e amplificando a distância entre a equidade de gênero, fator que em muito prejudica a formação das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto explorado, foi possível entender que as questões de gênero ainda são um assunto desconhecido na instituição observada fator que influencia negativamente na construção de práticas pedagógicas que combatam os estereótipos já na educação infantil.

O uso do lúdico permanece condicionado a uma ideologia sexista que valoriza a heterossexualidade na imagem masculina, colocando a mulher num lugar de submissão e invisibilidade.

A falta de entendimento consolida assim uma pedagogia preconceituosa que sacraliza práticas sociais impostas e deixa pouco ou nenhum espaço para contestação, fator que amplifica as exclusões dos sujeitos que não se reconhecem dentro do padrão estabelecido.

É uma realidade que necessita urgentemente ser transformada para que possa ser possível oportunizar às crianças uma abertura dialógica em que a formação identitária possa encontrar apoio e entendimento, formalizando assim um ensino comprometido com a coletividade e o respeito mútuo.

REFERÊNCIAS

BÍSCARO, C. R. R. **A construção das identidades de gênero na educação infantil**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Dom Bosco, Campo Grande, 2009.



BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília. MEC/SEF. Vol 1. 2008

DINIS, Nilson Fernandes. **Educação Relações de Gênero e Diversidade Sexual**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
Acesso em 20/04/2016.

FAGUNDES, T.C.P.C. **Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero**. Salvador: Helvécia, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo: Perspec. 2000, v.14, n. 2, p. 03-11.

KISHIMOTO, T. M; ONO, Andreia T. **Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca**. Pró -Posições, São Paulo. v.19, n.3, set/dez 2008.

LOURO, G.L. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M.V. (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 85-92.

REDIN, Euclides; MULER, Fernanda; REDIN, Marita Martins (org.). **Infâncias: Cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 16, p.5-22, jul/dez, 1995.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Saúde e Sexualidade na Escola**. Porto Alegre: Mediação, 2a. Ed., 2005, p. 111-124.